



FILMES  
QUE AMO

— Lauro António

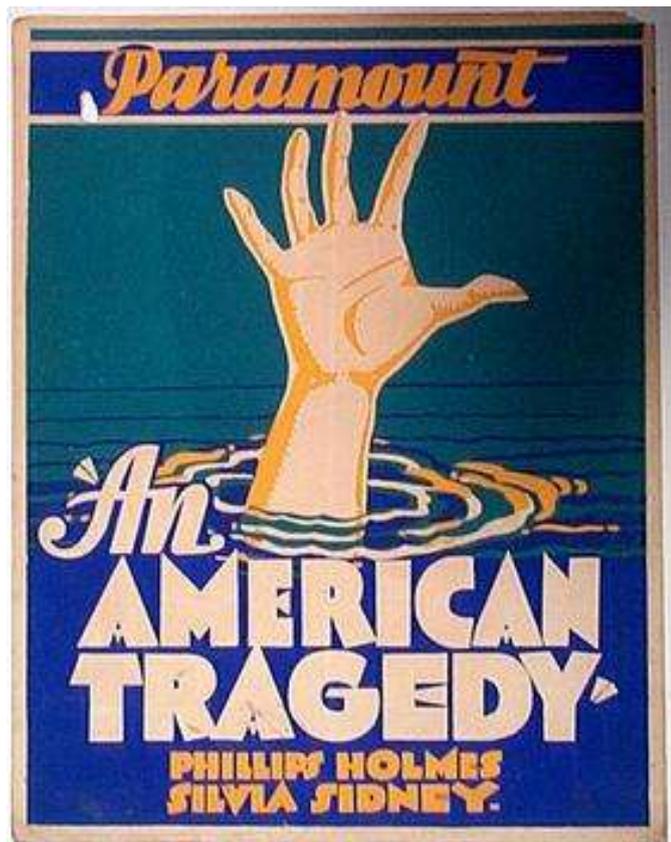
## **FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 17 Maio 2021 - 19H00**

### **MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (entrada livre)**

#### **UM LUGAR AO SOL**

**Título original: A Place in the Sun**

**Realização: George Stevens (EUA, 1951)**



#### **A OBRA DE ARTE NO TEMPO E NO ESPAÇO**

Uma obra de arte não se percepção do mesmo modo em épocas diferentes. Uma obra de arte não permanece imutável, vai evoluindo ao sabor do tempo e inclusive ao sabor do espaço. Uma escultura da Grécia clássica não tem a mesma leitura desde a altura em que foi criada, depois na Idade Média ou finalmente nos nossos dias, assim como será entendida de forma diferente na Europa, na América Latina ou na Ásia.

Com um filme acontece o mesmo. O filmezinho dos Irmãos Lumière, "L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat", no dia em que foi apresentado pela primeira vez, em 1895, colocou o público em alvoroço pois este julgava que a locomotiva ia invadir a sala. Pouco tempo depois, com os espectadores mais habituados à magia do "Animatografo", já não fugiam, e hoje o filme é visto como uma curiosidade e o episódio contado em tom de nostálgica anedota.

É muito curioso ver como o cinema foi sofrendo sucessivos avanços estéticos, muitas vezes causados por pequenas e grandes invenções tecnológicas. A passagem do mudo para o sonoro é um caso gritante, alterando toda a estrutura narrativa dos filmes. O filme "Citizen Kane" é um marco de uma certa modernidade do cinema que, em grande parte, foi provocada pelo aparecimento

de uma lente de grande angular que permitiu a Orson Welles utilizar a profundidade de campo como nunca tinha sido usada até aí. Mas nem sempre é a técnica a comandar. Pode ser a estética a impulsioná-la. Veja-se o caso de "Barry Lyndon". Kubrick queria filmar à luz de velas e, para tanto, encomendou à Carl Zeiss uma lente que lhe permitisse esse efeito. Quando Cecil B. De Mille filmou "Os Dez Mandamentos" teve de contratar milhares e milhares de figurantes de carne e osso. O mesmo se passou com "Cleópatra", de Joseph L. Mankiewicz, apesar dos efeitos especiais utilizados nessa altura. Hoje em dia, na era digital, reproduzem-se digitalmente as multidões. Todas estas relações entre a técnica e a estética (e a economia) foram fazendo evoluir a história do cinema, mostrando que o que hoje é uma realidade, amanhã pode não o ser. O processo de criação vai evoluindo, e a percepção do espectador também. Há inovações narrativas que tornaram certos títulos marcos da história do cinema, que provocaram reações polémicas, e mesmo escândalo, aquando da sua estreia, e que uma década passada foram assimiladas pela indústria e se tornaram parte de uma linguagem comum. Que o diga Antonioni, por exemplo.

Mas há outros aspectos, menos evidentes, mais íntimos, que tornam a visão de um filme completamente distinta de uma geração para a seguinte. Agarre-se no exemplo de "Um Lugar ao Sol", de George Stevens, baseado num clássico da literatura norte-americana, da autoria de Theodore Dreiser, "An American Tragedy", aparecido em 1925. A primeira adaptação ao cinema data de 1931, e quem a dirigiu foi Josef von Sternberg. A segunda, a mais conhecida hoje em dia, data de 1951, traz a assinatura de George Stevens, e tem como principais actores Montgomery Clift, Elizabeth Taylor e Shelley Winters. Lido em 1931 o romance terá tido uma leitura, visto em 1951 o filme já teria sofrido algumas alterações de leitura e, presentemente, julgo que não será uma obra perceptível no seu intenso dramatismo se não for colocada na época em que foi concebida originalmente.

Se não, vejamos: o romance fala de um jovem sem qualificações especiais que vem para a grande cidade, em busca de emprego, numa empresa de um tio. Arranja a colocação e estabelece uma ligação emocional com uma jovem empregada na mesma fábrica, que às tantas fica à espera de bebé. Enquanto isto se passa, por outro, lado o jovem sobrinho vai subindo de estatuto na fábrica e começa a apaixonar-se por uma filha de amigos da família do tio. O drama intensifica-se, todos percebemos o dilema do rapaz e o transtorno da futura mãe, que quer casar e regularizar a situação. Claro que tudo isto vai acabar em "tragédia americana". Entre o romance e o filme de Stevens medeiam vinte e poucos anos. Mas entre os anos 50 do século passado e a actualidade distam muitas décadas e uma enorme evolução a vários níveis. Aquele drama e aquela "tragédia americana" dificilmente seria possível hoje em dia. A operária usaria pílula, se se tivesse esquecido tomaria a pílula do dia seguinte, e se, mesmo assim, não funcionasse teria um médico e assistência hospitalar para abortar caso fosse esse o seu desejo. Se quisesse ter a criança, mesmo como mãe solteira, não iria desenvolver uma tão grave obsessão sobre o que "diriam sobre ela". Os tempos mudaram, os comportamentos sociais evoluíram, e realmente este filme, como milhares de outros, só se compreende integralmente se devidamente inscrito no seu tempo.



Por isso uma crítica que se queira pedagógica e suficientemente útil para o espectador tem de ter em conta muitos aspectos relevantes que condicionam a obra visada. Desde condicionantes históricas até curiosidades biográficas sobre os responsáveis, de características estéticas próprias do período em que as obras (romance, filme) foram criadas, de condições de produção até pequenos faits divers que se cruzaram com os projectos. Tudo isso pode ter interesse para uma melhor compreensão de um romance ou de um filme (ou de qualquer outra obra de arte). A crítica que pretende que uma obra de arte é um produto isolado que vale por si só e pode ser avaliado sem todo este enquadramento, julgo-a um pouco redutora.

Depois ainda haverá um outro aspecto a ter em conta. Toda a crítica é de gosto, quer se queira quer não. Os estruturalistas tentaram impor uma crítica isenta de gosto. Só conseguiram, quanto a mim, uma crítica de desgosto. Quem escreve, escreve sempre em função de um "eu". Não se escreve de forma neutral. Quando se proclamam as virtudes de um filme, fazemo-lo em função do que se acha, do que se gosta. Até se pode dizer "não gosto nada deste filme, mas acho-o muito importante". Mas, lá está, sempre o "gosto". O que torna a crítica uma actividade a exercer com uma profunda "humildade". É o que eu penso, e aceito perfeitamente que outros pensem de maneira diversa.

## UM LUGAR AO SOL

Como já foi atrás referido, "A Place in the Sun", que George Stevens realizou em 1951, parte de um romance de um brilhante escritor norte-americano, Theodore Dreiser, e de uma peça teatral dele extraída por Patrick Kearney. Tanto o romance, como a peça de teatro e os filmes deles decorrentes foram grandes sucessos de público e de crítica. Para se ter uma ideia deste triunfo, basta referir que na cerimónia de atribuição dos Oscars de 1952, a obra iria ganhar 6 Oscars, além de outras nomeações. Trouxe para casa as estatuetas de Melhor Realizador (George Stevens), Melhor Argumento Adaptado (Michael Wilson e Harry Brown), Melhor Fotografia, a preto e branco (William C. Mellor); Melhor Montagem (William



Hornbeck), Melhor Guarda-roupa, a preto e branco (Edith Head) e Melhor música (Franz Waxman). Outras nomeações ficaram pelo caminho: Melhor Filme, Melhor Actor (Montgomery Clift) e Melhor Actriz Secundária (Shelley Winters). De resto teve inúmeros outros prémios pelo mundo fora e, mesmo nos EUA, nos Globos de Ouro, foi considerado o Melhor Filme Dramático.

O romance de Dreiser parte de um acontecimento verídico, trabalhado pelo escritor de forma um pouco diferente, para atingir os propósitos expressos. A figura que esteve na base deste drama foi Chester Ellsworth Gillette (1883 - 1908), um assassino norte-americano condenado à morte, que deu origem à personagem de Clyde Griffiths, que valeria a Montgomery Clift um desempenho brilhante. Em certos

aspectos, tudo se passa na realidade como no romance. Gillette nascera em Montana, passara grande parte da sua curta vida em Spokane, Washington. Os pais eram fervorosos religiosos, integrando o Exército de Salvação. Um dia, partiu em busca de colocação numa fábrica de tios em Cortland, Nova Iorque. Na empresa, conheceu Grace Brown, outra funcionária, iniciaram um relacionamento emocional e sexual, que culminou numa gravidez não muito desejada. Enquanto Grace pressionava Gillette para casar este apaixonou-se por Harriet Benedict, uma herdeira de generosas posses e de uma invejável beleza. Na versão realidade, que o tribunal apurou, Gillette convenceu Grace a viajar até às Montanhas Adirondack, em Nova York, e ao lago Glenmore, registando-se numa pensão com nomes falsos, antes de irem passear num barco, viagem da qual Grace nunca regressaria viva. Gillette foi acusado de assassinato e executado. Gillette clamou inocência até final, mas o tribunal foi implacável. Isto na realidade. Entre 1906 e 1908.

Como também já aqui se afirmou o filme de Stevens é o segundo a abordar este tema. O primeiro trazia a assinatura de Josef von Sternberg, fora rodado em 1931, mantinha o título do romance, e tinha como intérpretes Phillips Holmes, Sylvia Sidney e Frances Dee. Mais tarde, uma série televisiva, "Unsolved Mysteries", transmitiu, em inícios de 1996, um episódio sobre o drama vivido por Gillette e Brown. Já agora, mais uma curiosidade: em 2007, o diário de Gillette, que ele escreveu durante os últimos sete meses em que esteve na prisão, assim como 12 cartas escritas por Gillette durante seu tempo na prisão, foram doados à Hamilton College Library pela sobrinha neta de Gillette. Todo este material foi publicado em dezembro de 2007.

O filme de Stevens é uma obra notável. Juntamente com "Shane" e "O Gigante", pertence à trilogia sobre a América que aquele cineasta assinou entre 1951 e 1956, oferecendo uma imagem diversificada da sociedade norte-americana em três momentos-chaves da sua história. "Um Lugar ao Sol" respeita quase na íntegra a história de Gillette e Brown, alterando-a nalguns aspectos, nomeadamente quanto à justiça da sentença do tribunal.



"A Place in the Sun" joga habilmente com o poder da imagem logo desde as imagens iniciais, ainda durante o genérico, quando George Eastman surge de costas, na beira de uma estrada, pedindo boleia, voltando-se depois para admirar, deslumbrado, um cartaz que anunciava fatos de banho da marca Eastman. O seu destino parece traçado. Aquela é a fábrica para onde se encaminha, dirigida por um tio. Aquela mulher desperta o seu fascínio, mas igualmente o seu desejo de triunfo. Ele irá subir na vida, escalar os degraus

do sucesso, passando por cima do que lhe obstruir o caminho. Aquele é o retrato de um arrivista com um ar inocente e ingénuo, porém desejoso de satisfazer uma ambição (nos anos 50 a personagem era vista com olhar crítico mais duro, do que hoje em dia, em que aparece mais como vítima das circunstâncias do que como principal causador da tragédia).

Os ambientes sociais, os climas humanos, as personagens criadas, as situações definidas apontam na direcção de um cineasta no perfeito domínio das suas potencialidades. A equipa técnica é de altíssima qualidade, da direcção artística à fotografia, e o elenco sobressai pela delicadeza e justeza de tom que imprime à representação.

Uma belíssima obra-prima do cinema norte-americano da década de 50 do século XX, que oferece uma magnífica panorâmica sobre usos e costumes dessa época.

## UM LUGAR AO SOL

### Título original: A Place in the Sun



**Realização:** George Stevens (EUA, 1951); **Argumento:** Michael Wilson, Harry Brown, segundo romance de Theodore Dreiser e peça teatral de Patrick Kearney; **Produção:** Ivan Moffat, George Stevens; **Música:** Franz Waxman, e colaboração de Daniele Amfitheatrof, David Buttolph, Gerard Carbonara, Aaron Copland, Sidney Cutner, John C. Hammell, George Parrish, Leonid Raab, Miklós Rózsa, Leo Shuken, Van Cleave, Roy Webb, Victor Young;; **Fotografia (cor):** William C. Mellor; **Montagem:** William Hornbec; **Direcção artística:** Hans Dreier, Walter H. Tyler; **Decoração:** Emile Kuri; **Guarda-roupa:** Edith Head; **Maquilhagem:** Wally Westmore, Charles Gemora; **Assistentes de realização:** Charles C. Coleman, Gerd Oswald; **Som:** Gene Garvin, Gene Merritt; **Efeitos visuais:** Farciot Edouart, Loyal Griggs, Gordon Jennings; **Companhias de produção:** George Stevens' Production, Paramount Pictures;

**Intérpretes:** Montgomery Clift (George Eastman), Elizabeth Taylor (Angela Vickers), Shelley Winters (Alice Tripp), Anne Revere (Hannah Eastman), Keefe Brasselle (Earl Eastman), Fred Clark (Bellows), Raymond Burr (Dist. Atty. R. Frank Marlowe), Herbert Heyes (Charles Eastman), Shepperd Strudwick (Anthony Vickers), Frieda Inescort (Mrs. Ann Vickers), Kathryn Givney (Louise Eastman), Walter Sande, Ted de Corsia, John Ridgely, Lois Chartrand, Paul Frees, James Horne Jr., Joseph La Cava, etc.

**Duração:** 122 minutos; **Distribuição em Portugal (DVD):** inexistente; **Distribuição internacional (DVD):** Paramount (Espanha); **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 14 de Maio de 1952. Cópia em inglês, com legendas em espanhol.

## FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 24 DE MAIO 2020

**MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00** (entrada livre)

## O MUNDO A SEUS PÉS

### Título original: Citizen Kane

Realização: Orson Welles (EUA, 1941-1942) - M/12 ANOS | Duração: 119 minutos